

## APRESENTAÇÃO

*Bruna Franchetto (UFRJ) e Andrew Nevins (UFRJ)*

Passaram-se seis anos desde o primeiro número de *Linguística* dedicado exclusivamente a estudos de línguas indígenas. Uma breve introdução mencionava a necessidade de contribuir de algum modo para o fortalecimento e salvaguarda das línguas nativas ainda existentes no Brasil, através da divulgação de resultados de pesquisas recém realizadas ou em andamento, por parte de linguistas brasileiros estabelecidos ou no final de sua formação de doutorado.

Qual a situação atual dessas línguas no Brasil, nas terras altas e baixas da América do Sul? Seis anos é um período muito curto para apontar qualquer mudança substancial, para pior ou para melhor. Temos hoje, todavia, uma visão mais precisa graças a dados mais claros.

Calcula-se que cerca de 160 línguas indígenas distintas são ainda faladas no Brasil, cada uma com suas variedades dialetais, e tendo como média 250 falantes por língua. O grau de fragilidade é alto, com 21% delas em perigo imediato de desaparecimento, dado o pequeno número de falantes e a baixa transmissão de uma geração para outra. Ao mesmo tempo, somente 13% dessas línguas possuem uma descrição que pode ser avaliada como completa, com uma boa gramática descritiva, textos e dicionário; 38% têm sido objeto de uma descrição avançada (por exemplo, uma tese de doutorado); para 29% temos apenas descrições iniciais (por exemplo, uma dissertação de mestrado); 19% não possui qualquer descrição científica.<sup>1</sup>

Diante deste quadro que continua desolador, a tarefa diante de nós parece se agigantar, apesar de contarmos com aumentos significativos na oferta de recursos humanos bem formados e de recursos financeiros. Nos últimos 10 anos, a linguística documental (ou documentação linguística) vem trazendo um certo alento como novo campo disciplinar em crescimento e responsável pela criação de vastos corpora multimídia de textos e dados em formato digital de um grande número de línguas ao redor do mundo. Se nos voltarmos para a América do Sul, cerca de 70 línguas foram ou estão sendo documentadas com o apoio de programas internacionais como o *Program for the Documentation of Endangered Languages* (DoBeS), *Endangered Languages Documentation Project* (ELDP), *Documenting Endangered Languages* (DEL, National Science Foundation) e *Endangered Language Fund* (ELF). Em 2009, foi criado no Brasil, o Programa para a Documentação de Línguas Indígenas (ProDoclin), uma colaboração entre o Museu do Índio do Rio de Janeiro e pesquisadores pertencentes

---

1. Moore, D. A.; Galucio A. V. 2013. Perspectives for the documentation of indigenous languages in Brazil. Museu Paraense Emilio Goeldi – Ministério do Desenvolvimento Científico, Tecnológico e Inovação. Não publicado.

a diversas instituições universitárias e de pesquisa. O ProDoclin foi idealizado para dar suporte à formação de pesquisadores indígenas, trabalho de campo e publicações. Até o momento, o ProDoclin documentou 13 línguas, alcançando 54 comunidades indígenas e capacitando 25 pesquisadores indígenas nas metodologias e técnicas de documentação. O Museu Paraense Emílio Goeldi, instituição de pesquisa de longa tradição, também vem desenvolvendo e financiando a documentação e descrição de cerca de vinte línguas amazônicas (Franchetto & Rice, 2014).<sup>2</sup>

Em comparação com o número de *Linguística* de 2008, que incluiu cinco artigos sobre aspectos morfológicos e sintáticos e apenas um voltado para fonologia, o número de 2014 reflete uma maior diversidade de línguas e abre os horizontes de pesquisa. Não se trata apenas de um aumento quantitativo de textos publicados - doze, sendo seis em fonética e fonologia e seis em morfologia e sintaxe. Estão representados novos campos de investigação e novas metodologias, como análises experimentais (acústica, sociolinguística, micro-comparações, aquisição). Além disso, privilegamos, mais uma vez, a pluralidade teórica, incluindo estudos descritivo tipológicos de base funcionalista, e abordagens formais como fonologia auto-segmental, sintaxe minimalista, teoria da otimalidade. Amplia-se também a representatividade em termos de famílias: além de tupi-Guarani, jê, arawak, temos agora também do tronco tupi (não guarani), pano, nambikwara e Pirahã. Abrem-se as fronteiras, já que trata-se de línguas faladas não somente em território brasileiro e estudadas por pesquisadores não somente brasileiros. Além de artigos inéditos, há duas entrevistas – uma com um fonólogo e uma com um sintaticista, que têm marcado o desenvolvimento da investigação empírica e teórica de línguas indígenas – um *squib* que antecipa pesquisa em andamento sobre um tema um tanto esquecido (tom em Pirahã), e uma resenha crítica que contextualiza um debate de grande relevância acerca da relação entre metodologias e avanços científicos em linguística.

Agradecemos aos consultores e pesquisadores indígenas cujos conhecimentos são condição *sine qua non* para chegarmos às descrições e análises desenvolvidas nestes artigos, mesmo que muitas vezes eles permaneçam anônimos. Agradecemos aos colegas que, em seus pareceres, comentaram cada artigo com grande generosidade e interesse, o que possibilitou que cada autor chegasse à melhor versão possível, através de trocas de ideias enriquecedoras. Agradecemos, enfim, aos próprios autores que responderam com entusiasmo à chamada para contribuir para este número de *Linguística*.

---

2. Franchetto, Bruna; Rice, Keren. 2014. Language Documentation in the Americas. *Language Documentation & Conservation*. Vol. 8: 251-261.